

Editorial

A insistência que se tem verificado no divórcio entre as metodologias quantitativas e qualitativas não tem favorecido a renovação da cultura científica. Esta separação e desvalorização das abordagens qualitativas tem perturbado a reflexão sobre o fenómeno educativo. Mais do que nunca precisamos ligar, unir os conhecimentos para nos ajudar a pensar melhor a complexidade do processo educativo. Este número pretende dar um pequeno contributo para esse novo modo de pensar apresentando um dossier temático subordinado ao título *Metodologias Qualitativas na Investigação em Educação*. A apresentação (e justificação) desse dossier é feita pelos seus organizadores adiante. Como editores da RLE apenas nos cabe valorizar a colaboração estabelecida com o Congresso Ibero-Americano em Investigação Qualitativa (CIAIQ).

A RLE abre com o texto de Ana Benavente, intitulado *O que investigar em Educação?* Trata-se de um contributo que prossegue a reflexão e o debate iniciados no número anterior com um texto de António Nóvoa, que reproduziu uma sua conferência no ECER 2014, realizado no Porto. Neste seu importante contributo, Ana Benavente avança com algumas teses que merecem ser profundamente debatidas pela comunidade das ciências da educação, de que destacamos: (i) o silêncio (acrescentamos, ensurdecador) da sociedade (mas também da comunidade científica) face às mudanças da concepção de escola introduzidas nos últimos anos, em particular no Ministério Crato, quebrando o consenso que se tinha estabelecido depois do 25 de abril em torno da escola pública e do seu lugar no desenvolvimento humano num país como Portugal; (ii) a questão do “estatuto científico” da educação, onde ideologias fortemente conservadoras ciclicamente colocam em causa adquiridos (citam-se os contributos de Piaget, Bourdieu e de movimentos da Escola Nova), reforçando o estatuto das ciências da educação como uma ciência fraca (na tipologia

de Chomsky); (iii) o silêncio cúmplice da comunidade académica face à destruição verificada na Educação de Adultos, talvez (acrescentamos nós) relevando de uma má consciência elitista face à inequívoca expansão e democratização da educação escolar. Por último, o texto de Ana Benavente avança com um conjunto de propostas “para romper o cerco”, que merecem a análise e a crítica da comunidade científica, nunca o silêncio. Por isso, esta secção vai manter-se aberta a outros contributos.

Na secção Diálogos, Manuel Tavares e Tatiana Romão conversam com Naomar Almeida Filho, Reitor pro-tempore da Universidade Federal do Sul da Bahia (UFSB). Nesta estimulante entrevista, são abordados diversos assuntos, como as diferenças, do ponto de vista político-pedagógico, entre a nova matriz institucional da UFSB e as matrizes institucionais tradicionais, os Colégios Universitários, enquanto proposta inovadora para o acesso ao ensino superior dos alunos da escola pública, e outros temas para os quais convidamos os leitores.

Na rubrica Recensão, Keila Melo, Evandro Morgado e Ricardo Teixeira analisam a obra *Investigação qualitativa: inovação, dilemas e desafios*, organizada por António Pedro Costa, Francilê Neri de Sousa e Dayse Neri de Souza. No livro em análise, publicado em 2014 pelas edições Ludomedia, os autores enfocam, em torno da investigação qualitativa, as seguintes categorias: concepção de docência e de formação de professores; políticas e propostas de formação de professores; formação inicial e contínua; trabalho docente; identidade e profissionalização docente. A obra tem o mérito de revisitar conceitos, apreender trajectórias, apontar dilemas e sobretudo estabelecer diálogos epistemológicos entre investigadores de Portugal, Brasil e Espanha.

No cumprimento de uma das rubricas da política editorial da Revista Lusófona da Educação, divulgam-se, neste número, alguns resumos de Teses de Doutoramento defendidas no Instituto de Educação da Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias.

Lisboa & S. Paulo, Março de 2015

António Teodoro, José V. Brás & Maria Neves Gonçalves